UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

TÁSSIA MONIQUE CHIARELLI

**Relações sociais na velhice via Facebook: um exame da extensão da teoria da
seletividade socioemocional**

São Paulo

2017

TÁSSIA MONIQUE CHIARELLI

**Relações sociais na velhice via Facebook: um exame da extensão da teoria da
seletividade socioemocional**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Gerontologia.

Versão simplificada resguarda temporariamente a versão integral, original ou corrigida, a pedido do autor, com anuência da CPG da EACH, de acordo com as Resoluções CoPGr 5401, de 17 de abril de 2007 (Artigo 2º., Parágrafos 1º. a 3º.) e CoPGr 6542, de 18 de abril de 2013 (TÍTULO III, Cap. V - Seção I - Parágrafo 3) no período de dois anos e renovável por igual período.

Área de Concentração:

Processos Educativos no Envelhecimento

Orientador:

Profa. Dra. Samila Sathler Tavares Batistoni

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Chiarelli, Tássia Monique

Relações sociais na velhice via Facebook : um exame de extensão da teoria de seletividade socioemocional / Tássia Monique Chiarelli ; orientadora, Samila Sathler Tavares Batistoni. – São Paulo, 2017

38 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo
Versão simplificada

1. Idosos - Aspectos sociais. 2. Redes sociais. 3. Facebook. I. Batistoni, Samila Sathler Tavares, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 362.6

Nome: CHIARELLI, Tássia Monique

Título: Relações sociais na velhice via Facebook: um exame da extensão da teoria da seletividade socioemocional

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia.

Área de Concentração:

Processos Educativos no Envelhecimento

Aprovado em: 19 / 06 / 2017

Banca Examinadora

Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri

Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Profa. Dra. Carla Witter

Universidade São Judas

Prof. Dr. Heloísa Gonçalves Ferreira

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

À minha grande família, que sempre me ensinou o valor da educação.

Agradecimentos

Agradeço à Deus, por orientar minha trajetória, ser luz nos desafios e porto seguro em todos os momentos.

À minha família, que é base e fortaleza. Em especial aos meus pais José Carlos Chiarelli Junior e Zolei Spricigo Chiarelli, e avós Eulina Cittadin Spricigo, Marino Spricigo, Doralice Albano Chiarelli e José Carlos Chiarelli, que sempre incentivaram a minha educação. Seja oferecendo um lanchinho para dar forças, seja no financiamento dos estudos ou simplesmente me dizendo “professora solafassora”.

Ao meu parceiro de vida, William Garcia, pela compreensão e o carinho durante todo o processo. Sempre atencioso, amoroso e participante.

Aos meus amigos que também estiveram presentes nessa jornada científica. Em especial à Nádia Placideli, por todas as orientações; à Flávia Nishimoto e Tuane Lima que foram minha banca de qualificação fictícia; à Giovana Borges, companheira de todo o processo, a qual se tornou uma grande amiga; à Glaucia Martins, parceira e colega de mestrado, que sempre quando preciso foi mão amiga; ao Alan Bondesan De Maria, pela gentileza em me auxiliar com seu conhecimento.

Ao programa de pós-graduação em Gerontologia, por todas as oportunidades que pude desfrutar. Aos professores, sempre generosos em compartilhar seus conhecimentos. Em especial, a professora Samila Sathler Tavares Batistoni, minha orientadora a qual tenho grande admiração, respeito e afeto. Foram dois anos bem vividos e aprendidos seguindo os seus passos.

Aos idosos participantes da pesquisa, pelo tempo dedicado, pelas informações compartilhadas, por confiarem na seriedade e propósito da pesquisa.

A agência de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio fundamental durante minha produção científica.

As instituições de coleta dos dados, pela confiança e apoio durante a pesquisa. Sempre atenciosos e prontos para colaborar.

Por fim, agradeço também a todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes nesse processo de aprendizagem e de muitos ganhos, seja com uma palavra amiga, de incentivo ou de cuidado.

A questão não é: “o que queremos saber sobre as pessoas”.
A questão é: “o que as pessoas querem dizer sobre elas mesmas?”
(Mark Zuckerberg)

RESUMO

CHIARELLI, Tássia Monique. **Relações sociais na velhice via Facebook**: um exame da extensão da teoria da seletividade socioemocional. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão simplificada.

Diante das novas possibilidades de se relacionar socialmente propiciadas pelo advento das Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial, via Facebook, levanta-se a necessidade de identificar, entre idosos, se os pressupostos das teorias gerontológicas se estendem às relações sociais online. Sendo assim, foram desenvolvidos três estudos empíricos que compuseram a presente Dissertação cujos dados foram interpretados à luz da Teoria da Seletividade Socioemocional (TSSE). Os objetivos dos estudos foram: 1) descrever características de utilização e motivações para uso do Facebook entre idosos; 2) verificar se um dos construtos associados à TSSE se mostra válido para idosos brasileiros; e 3) examinar o quanto a TSSE se estende às relações sociais de idosos estabelecidas por meio do Facebook. Os estudos foram baseados em dados coletados de 153 idosos usuários de serviços públicos de acesso à Internet na cidade de São Paulo (M= 68,1 anos; DP= 6,5; 77,8% feminino). Utilizou-se levantamentos a respeito de informações sociodemográficas, de utilização e motivações para o uso do Facebook e referentes às variáveis indicativas dos pressupostos da TSSE, a saber: idade, perspectiva de tempo futuro, tamanho das redes sociais, proximidade afetiva com os membros da rede e satisfação com a vida. A amostra, composta por alta escolaridade média e frequente utilização do Facebook, apontou motivos relativos à informação e socialização. Quatro perfis de usuários (Explorador, Solitário, Familiar e Sociável) puderam ser identificados com auxílio de Análise de Correspondência Multipla. O construto de Perspectiva de Tempo Futuro foi avaliado a partir da análise psicométrica de uma escala de medida do mesmo e revelou uma composição fatorial parcialmente semelhante à de estudos internacionais, com destaque para um terceiro fator explicativo e distinto. Por fim, um modelo de relações entre variáveis indicativas dos pressupostos da TSSE foi testado por meio de análise de equações estruturais (Path Analysis para variáveis manifestas) e parcialmente confirmado. Foram encontradas associações diretas e mediadas por PTF entre idade e satisfação com a vida, e relações diretas entre idade e tamanho das redes sociais, conforme predito pela Teoria. Indicadores de seletividade socioemocional, como redução no tamanho das redes e proximidade emocional não foram associadas a satisfação com a vida. Os dados sugerem que as relações sociais via Facebook pressupõem a atuação de um conjunto variado de motivações e de mecanismos adaptativos associados à satisfação com vida na velhice.

Palavras-chave: Idosos – Aspectos sociais. Redes Sociais. Facebook.

ABSTRACT

CHIARELLI, Tássia Monique. **Social networks in elderly across Facebook:** an exam of the extension of the socioemotional selectivity theory. 2017. 115 p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Simplified version.

Faced of new possibilities to relate socially, encouraged by the advent of Information and Communication Technologies, in particular by Facebook, there is a need to identify among the elderly if assumptions of gerontological theories are also valid for the virtual context. Thus, three empirical studies were developed what composed the present dissertation whose data were interpreted through Socioemotional Selectivity Theory (SST). The study objectives were 1) describe use characteristics and motivations for Facebook using among the elderly; 2) verifying if one of the constructs associated to the SST is valid for Brazilian elderlies; and 3) examining how much SST extends to the social relationships of olderly people established through Facebook. A survey was performed with elderlies, recruited from public Internet access services in the city of São Paulo (M= 68,1 years; SD= 6,5; 77,8% female). Surveys were used in relation to sociodemographic characteristics, Facebook usage and surveys were used regarding and referring to the variables indicative of the SST assumptions, namely: age, Future Time Perspective (FTP), network size, closeness affective with network and life satisfaction. The sample, composed of high average schooling and Facebook's frequent use, pointed motivations related to information and socialization. Four profiles of Facebook users (Explorer, Loner, Familiar and Sociable) could be identified by Multiple Correspondence Analysis. The concept of FTP was evaluated from the psychometric analysis of a measurement scale of the same and revealed a factorial composition partially similar to that of international studies, with emphasis on a third explanatory and distinct factor. Finally, a relationships model between variables indicative of the SST assumptions was tested by structural equation analysis means (Path Analysis for manifest variables) and partially confirmed. Were found direct and mediated FTP associations between age and life satisfaction, and the direct relationships between age and size of social networks, as predicted by Theory. Socioemotional selectivity indicators, such as networks size reduction and the emotional proximity were not related with life satisfaction. The data suggest social relations by Facebook presupposes the performance of a differentiated set of social goals and adaptive mechanisms associated with life satisfaction in old age.

Keywords: Elderly - Social aspects. Social networks. Facebook.

SUMÁRIO

1	REVISÃO DE LITERATURA.....	7
1.1	MARCOS TEÓRICOS NO ESTUDO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NA VELHICE E DOS PROCESSOS DE SELETIVIDADE SOCIOEMOCIONAL	10
1.2	OPORTUNIDADES ABERTAS PELAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NA VELHICE	22
2	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS	31

1 REVISÃO DE LITERATURA

No estudo científico dos processos de desenvolvimento e envelhecimento humano, a temática das relações sociais é central à compreensão do ajustamento psicológico e bem-estar dos indivíduos. Em especial, na velhice, as motivações para o contato social, a quantidade e qualidade dos relacionamentos tendem a alterar-se significativamente, sendo essas mudanças tradicionalmente interpretadas à luz das perdas e declínios que se associariam ao curso normal ou esperado de envelhecimento biológico.

Atualmente, entretanto, defende-se teórica e empiricamente, uma heterogeneidade manifesta no domínio das relações sociais na velhice e a influência de fatores psicológicos, sociais e contextuais, que nem sempre resultam em afastamento ou isolamento social. Tais relações estão, em grande medida, sujeitas ao gerenciamento dos idosos por meio de mecanismos psicológicos adaptativos que visam à manutenção do bem-estar e da qualidade de vida (LANG; CARTENSEN, 2002). A literatura de pesquisa revela que a natureza e qualidade das relações sociais na velhice associam-se positivamente aos indicadores de funcionalidade física e psicológica e com as autoavaliações que as pessoas idosas fazem a respeito de si mesmas ou da vida em geral (RAMOS, 2007; PINTO; NERI, 2013; LOYOLA FILHO et al., 2013). Demonstram serem estas mediadoras importantes no alcance de metas pessoais, assim como da disponibilidade de suporte social e os graus de participação social de idosos, aspectos esses considerados chave para o alcance de uma velhice saudável e bem-sucedida (D'ORSI; XAVIER; RAMOS, 2011; OMS, 2015).

Embora a centralidade e influência das relações sociais sejam amplamente reconhecidas ao longo da história humana, a Psicologia e a Gerontologia formalmente ofereceram operacionalizações e modelos explicativos testáveis somente a partir de 1980. Desde então houve um crescimento exponencial de estudos empíricos fazendo dessa temática uma das áreas mais profícuas de estudo e estímulo a uma perspectiva interdisciplinar em Gerontologia. Indicadores de relações sociais estão presentes nas pesquisas relativas aos domínios da saúde, cognição, funcionalidade, economia, política e intervenções com idosos (ARAUJO; COUTINHO; SANTOS, 2006; LOYOLA FILHO et al., 2013; DAGIOS; VASCONCELLOS; EVANGELISTA, 2015).

Dentre as teorias que ganharam maior visibilidade e utilização interdisciplinar em Gerontologia está a Teoria da Seletividade Socioemocional (TSSE) desenvolvida pela psicóloga americana Laura Carstensen e colaboradores na década de 1990 e início dos

anos 2000 (CARSTENSEN, 1992; CARSTENSEN; ISAACOWITZ; CHARLES, 1999; CARSTENSEN; FUNG; CHARLES, 2003; ENGLISH; CARSTENSEN, 2014). Essa teoria foi desenvolvida sob a Perspectiva *life span* em Psicologia (BALTES; BALTES, 1990) com destaque para os pressupostos de agência humana sobre o próprio desenvolvimento e o emprego de mecanismos autorregulatórios de seleção, otimização e compensação no gerenciamento de ganhos e perdas ao longo da vida. Inicialmente a TSSE dedicou-se a explicar as alterações em motivações para o contato social na velhice e seus impactos sobre o bem-estar. Seus pressupostos foram aplicados ao âmbito das relações sociais e o acionamento de mecanismos de autorregulação, indicando que o estreitamento nos horizontes de tempo futuro estava associado ao processo de envelhecimento (CARSTENSEN, 2006). A partir dessa teoria, o exame dos aspectos estruturais, afetivos, motivacionais e desenvolvimentais das relações sociais na velhice tem gerado oportunidades para o estudo dos processos de adaptação humana aos desafios associados ao envelhecimento.

A TSSE foi inicialmente considerada uma teoria motivacional em Psicologia do Envelhecimento. Hoje a TSSE dá suporte a uma segunda geração de teorias baseadas nos mesmos pressupostos, porém para explicar fenômenos relativos ao envelhecimento emocional e sobre processamento cognitivo de informações emocionais (CARSTENSEN et al., 2011, ENGLISH; CARSTENSEN, 2016). A expansão e a validação dos pressupostos da teoria vêm se manifestando de forma dinâmica dentro da Gerontologia na tentativa de responder a um conjunto amplo de questões sobre o envelhecimento.

De forma geral, o campo de estudos sobre as relações sociais na velhice tem sido desafiado pela configuração de um novo cenário de fenômenos macrossociais, como a globalização e o advento e acesso facilitado às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). As relações sociais estabelecidas com o auxílio das tecnologias digitais oferecem um novo conjunto de condições para as pesquisas com idosos, onde limitações geográficas e temporais são minimizadas e as funções das relações sociais, sejam elas instrumentais, informativas ou afetivas podem ser otimizadas e ampliadas. Potencialmente, os idosos são considerados como o grupo etário que mais se beneficiaria com as possibilidades compensatórias das novas TICs frente à presença de necessidades de natureza funcional, déficits sensoriais, ou perdas de membros de suas redes de relacionamento por ocorrência de mortes, mudanças geográficas ou mesmo institucionalização (UMEMURO, 2004; KACHAR, 2010; MYHRE, 2013).

Assim, o reconhecimento de um tema relevante à Gerontologia e dos desafios atuais à mesma conduziram à proposição e ao desenvolvimento da presente dissertação de Mestrado cujos objetivos podem ser explicitados por meio de dois conjuntos de motivações. O primeiro conjunto de motivações relaciona-se com o anseio em contribuir diretamente com a temática das relações sociais na velhice estabelecidas por meio das TICs a partir do exame das características motivacionais, estruturais, afetivas e desenvolvimentais relacionadas ao uso da ferramenta digital Facebook. Essa ferramenta é considerada a mais popular e de crescente utilização por indivíduos idosos, no Brasil e no mundo. Interessou a essa dissertação examinar essas características à luz da Teoria da Seletividade Socioemocional e identificar o quanto os pressupostos de tal teoria se estendem às relações sociais na velhice estabelecidas via Facebook.

Para tal empreendimento, a dissertação foi organizada de forma a primeiramente revisar a literatura atual sobre as relações sociais na velhice, com destaque para os estudos baseados na TSSE e para aqueles dedicados ao uso do Facebook por idosos. O cerne da dissertação, entretanto, é a apresentação de três estudos empíricos dedicados à temática e à verificação da extensão da TSSE, com base em dados coletados a partir de amostra de idosos usuários do Facebook.

O primeiro estudo empírico apresentado é de natureza descritiva e analítica sobre os aspectos motivacionais e de características de utilização do Facebook por idosos, como de frequência e local de acesso, autoeficácia no uso, tamanho e composição da rede social. O segundo estudo é de natureza teórica e metodológica, buscou examinar indicadores de validade de uma escala dedicada à medida de um construto chave na TSSE, a saber, Perspectiva de Tempo Futuro, quando aplicada a idosos brasileiros engajados virtualmente. Por fim, o terceiro artigo testa um modelo de relações entre variáveis pautado na TSSE a fim de identificar a aplicação dessa teoria no âmbito das relações sociais estabelecidas via Facebook.

Um segundo conjunto de motivações para o desenvolvimento da presente dissertação diz respeito a responder a um clamor da própria Gerontologia por pesquisas empíricas teoricamente embasadas (ALLEY et al., 2010). Desde a década de 1980, os estudiosos do campo descrevem a Gerontologia como “rica em dados e pobre em teorias” (BIRREN; BENGSTON, 1988). Essa descrição visa explicitar a necessidade de avanços teóricos, de submissão das teorias ao teste empírico no intuito de confirmá-las, refutá-las ou expandi-las em prol da construção de um arcabouço teórico sólido e válido que fortaleça o campo científico de estudos sobre a velhice e o envelhecimento (NERI, 1997;

BENGSTON; RICE; JOHNSON, 1999). Portanto, a escolha de uma teoria influente como a TSSE foi tomada no sentido de examinar sua extensão às relações sociais estabelecidas por idosos utilizando-se de meios digitais, que talvez representem relações de natureza diferente daquelas investigadas no contexto da proposição da teoria. Almeja-se, assim, descrever aspectos selecionados das relações sociais de idosos via Facebook, partindo de um pressuposto teórico reconhecido, porém o submetendo criticamente à análise de sua adequação na explicação da realidade observada. Tanto por meio das evidências geradas, quanto por novas questões de pesquisa suscitadas, espera-se que os esforços empreendidos e descritos nessa dissertação estimulem o campo de pesquisa sobre relações sociais na velhice entre pesquisadores em Gerontologia, principalmente no contexto brasileiro.

Segue-se, portanto, à revisão da literatura que norteou a proposição dos estudos e a dissertação apresentada.

1.1 MARCOS TEÓRICOS NO ESTUDO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NA VELHICE E DOS PROCESSOS DE SELETIVIDADE SOCIOEMOCIONAL

Na velhice, as alterações em termos de composição e funções das redes sociais foram inicialmente interpretadas como sinais ou sinônimos de declínio, afastamento ou desengajamento. A ênfase das teorias clássicas desenvolvidas na década de 1960, tais como a Teoria do Desengajamento e a Teoria da Atividade, era prescritiva diante do reconhecimento das perdas no número de contatos sociais na velhice. A Teoria do Desengajamento, em linhas gerais, defendia a necessidade do idoso passivamente afastar-se socialmente como forma de se adaptar aos desafios normativos da velhice (CUMMING; HENRY, 1961). Por sua vez, a Teoria da Atividade, defendia os esforços individuais e sociais na manutenção dos níveis de atividade geral e social da meia-idade como forma de mitigar os efeitos prejudiciais do afastamento (HAVIGHURST, 1961, 1968).

Apesar da Teoria do Desengajamento e a Teoria da Atividade possuírem perspectivas opostas, ambas trabalham com uma concepção homogênea de velhice. São desconsiderados os processos de diferenciação inter quanto intraindividual ao longo da vida, assim como das influências contextuais e advindas de desigualdades socioeconômicas, sociodemográficas ou de saúde (BALTES, 1987). Outra limitação de tais teorias é a ausência de definições claras a respeito das funções e das influências de

tipos específicos de relações sociais estabelecidas e/ou mantidas na velhice e, mesmo a consideração da existência de processos concomitantes de afastamento e atividade a depender do tipo de relação social ou de suas funções (CARSTENSEN, 1992).

A década de 1980 é reconhecida na literatura gerontológica como um período de grandes marcos teóricos e empíricos para o estudo das relações sociais na velhice. Dentre as contribuições iniciais, destacam-se as proposições realizadas pelo antropólogo americano David Plath no estudo com crianças cuja premissa básica centrava-se no reconhecimento da existência e formação dos chamados “comboios sociais”. Traduzido no Brasil também por “escolta social”, o termo foi utilizado para descrever uma coorte de pessoas, com quem as crianças que ele observava no Japão cresceram e se desenvolveram. Plath observou que as relações sociais das crianças compunham uma espécie de comboio ou escolta em torno das mesmas e essas exerciam diversas funções no suprimento de necessidades comunicativas, emocionais e instrumentais para que estas enfrentassem com êxito os desafios do desenvolvimento.

A partir dessa concepção, o termo foi tomado pelos psicológicos e sociólogos americanos, especialmente por Kahn e Antonucci (1980) na proposição de um modelo teórico para o estudo das relações sociais na velhice. Denominado de “modelo de Comboio Social”, este tem sido utilizado para descrever as relações sociais próximas que cercam o indivíduo e, em condições normais, fornecem uma base segura e protetora para o desenvolvimento pessoal (KAHN; ANTONUCCI, 1980). Tomando como referência o indivíduo, na proposição de Kahn e Antonucci (1980), a concepção de comboio descreve os parceiros sociais conectados a este por uma rede, a qual possui características estruturais, como por exemplo, o número de pessoas ou o tamanho de sua rede; idade, sexo, o número de anos de contato; a proximidade geográfica e a frequência de contato. As redes são estabelecidas por livre escolha, parentesco ou constituídas por proximidade ambiental, porém desenvolvem-se no tempo de forma dinâmica, podendo as relações ser contínuas ou intermitentes. A configuração da rede do indivíduo em termos de tamanho e natureza, associadas com as funções desempenhadas na vida, podem estar relacionadas às experiências sociais vividas ao longo do tempo (KAHN; ANTONUCCI, 1980; NOGUEIRA, 2001; ALVARENGA et al., 2009).

O exame das relações sociais em termos de redes pôde também abranger as funções desempenhadas por essas na satisfação de necessidades, tal como já defendidas por Weiss em 1969 e denominadas de suporte social (WEISS, 1969). Esse aspecto funcional das redes guarda relações com as características estruturais da rede, porém não

sendo garantidas por ela. Ou seja, redes compostas por muitos indivíduos, com diferentes graus de proximidade geográfica não equivalem à presença de suporte social. Portanto, o apoio ou suporte social se caracteriza como a troca real, a qual as pessoas mantêm entre si laços típicos das relações de dar e receber. As necessidades e as trocas sociais podem ser classificadas, em geral, sob a forma de ajuda prática (suporte instrumental), afeto (suporte emocional) ou aprovação (informação, confirmação). Na velhice, os elementos afeto e a ajuda adquirem maior importância, principalmente em casos de incapacidade funcional (NERI, 2005; FALCÃO; FLAUZINO; FRATEZI, 2011; GÜNTHER, 2011).

Em publicação de atualização teórica sobre modelo do comboio social, Antonucci, Birdit e Akiyama (2009) apontaram que o mesmo incluiu ao longo dos anos a compreensão de que os comboios sociais atuam sobre o estresse, amortecendo seu impacto sobre o bem-estar e saúde mental. Incluiu ainda, a concepção de que o suporte social atua sobre o senso de autoeficácia dos indivíduos, aumentando sua confiança e agência sobre as condições ambientais, podendo ser considerado um dos mecanismos psicológicos pelos quais as relações sociais trazem impacto sobre as condições de saúde.

De acordo com as proposições de Kahn e Antonucci (1980), abriu-se a possibilidade de caracterizar as relações sociais dos indivíduos por meio da análise das redes sociais, sua composição quantitativa, constituição de laços formais ou informais, frequência de contato e proximidade geográfica. Complementada pela análise do aspecto funcional da rede, a saber, dos suportes oferecidos ou recebidos e na variação da proximidade afetiva avaliada pelos indivíduos, possibilitou-se identificar, por exemplo, seus efeitos sobre indicadores de saúde e bem-estar.

No entanto, a emergência dos paradigmas de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life span*) em Psicologia, e de Curso da Vida em Sociologia, influenciaram a Gerontologia no surgimento de novas abordagens a respeito das relações sociais no processo de envelhecimento. Proposta na década de 1990, a teoria da Seletividade Socioemocional (CARSTENSEN, 1992; CARSTENSEN; ISAACOWITZ; CHARLES, 1999; CARSTENSEN; FUNG; CHARLES, 2003; ENGLISH; CARSTENSEN, 2014) passou a ser um dos grandes referenciais teóricos que norteiam o estudo das relações sociais ao longo da vida passando a examinar não só as alterações que ocorrem nas redes de relações sociais, mas também para o valor adaptativo que tais alterações poderiam significar.

A teoria defende que, na velhice, a redução da amplitude das redes sociais e a restrição da participação social não ocorrem apenas por serem afastados pela sociedade.

Defende, principalmente, que os idosos se engajam num processo ativo de seleção das relações, de parceiros sociais significativos e de investimentos que envolvam maximizar os ganhos sociais e emocionais e minimizar os riscos sociais e emocionais (CARSTENSEN, 1992; NERI, 2005).

Sendo assim, a teoria identifica trajetórias diferentes para dois conjuntos de funções ou metas das relações sociais ao longo da vida. O primeiro voltado para funções ou metas relacionadas à ampliação de informações e conhecimento de mundo; e o segundo para funções emocionais que ratificam a identidade, autoestima e senso de pertencimento, visando à manutenção do bem-estar. Tais trajetórias revelam preponderância ou direcionalidade dos investimentos nessas funções sociais nas diferentes fases da vida. A juventude está mais relacionada à satisfação das funções de ampliação de informações e conhecimento de mundo e a velhice relacionada à manutenção do bem-estar emocional (CARSTENSEN; FUNG; CHARLES, 2003).

Para auxiliar a compreensão de como os indivíduos alocam seus recursos para maximizar ganhos e minimizar perdas ao longo da vida, a TSSE recorre ao modelo de Seleção, Otimização e Compensação (SOC), proposto por Baltes e Baltes em 1990. O modelo tem uma visão global sobre todas as fases do desenvolvimento humano. Segundo o SOC, as pessoas procuram continuamente controlar a vida através da aplicação e orquestração de três componentes: seleção, otimização e compensação. Neste contexto teórico, a seleção refere-se ao desenvolvimento e a escolha dos objetivos; otimização, a aplicação e aperfeiçoamento dos meios para atingir as metas relevantes; e compensação, a substituição dos meios quando os anteriores não estão mais disponíveis (FREUND; BALTES, 2002).

No caso da TSSE, quando a regulação da emoção assume maior prioridade entre as motivações sociais, os parceiros sociais são sistematicamente selecionados para otimizar a experiência emocional. As interações sociais emocionalmente gratificantes são mantidas visando manter uma vida emocionalmente equilibrada e significativa. Sendo assim, pessoas mais velhas compensam o declínio dos recursos físicos e cognitivos, dispondo tempo e energia em parceiros emocionalmente selecionados. Há evidências, portanto, de que, na velhice pode haver uma maximização da satisfação e do bem-estar emocional. Mesmo diante das mudanças biológicas e sociais associadas à idade, que podem gerar impactos negativos sobre os indivíduos, os idosos podem exercer o arbítrio e moldar seus ambientes de forma que atendam as metas que eles mais valorizam

(CARSTENSEN; ISAACOWITZ; CHARLES, 1999; CARSTENSEN; FUNG; CHARLES, 2003).

Outro pressuposto ou construto teórico que a TSSE lança mão diz respeito à influência da perspectiva de tempo futuro (PTF) tal como percebida pelo indivíduo como um horizonte ampliado ou reduzido para o alcance de metas pessoais. Horizontes de tempo limitados se relacionam mais fortemente com as funções emocionais e qualitativas das relações sociais. Por outro lado, a perspectiva de tempo futuro ampliada às funções relativas à troca de informações ou conhecimento de mundo. Na TSSE, seriam as alterações em PTF as responsáveis pelo acionamento de estratégias adaptativas na gestão das relações sociais e na motivação para o contato social na velhice. Com o processo de envelhecimento, em geral, há uma percepção de encurtamento no tempo de vida gerando a necessidade de manejar os recursos e capacidades de reserva na manutenção do bem-estar. A influência de tal percepção motiva os indivíduos a engajarem-se em processos adaptativos que resultam no investimento seletivo das relações sociais as quais produzem retorno emocional (CARSTENSEN; ISAACOWITZ; CHARLES, 1999; CARSTENSEN, 2006). Como resultado da percepção de tempo reduzida, os idosos teriam predisposição para metas relacionadas às emoções, investimento em regulação emocional, geratividade e seleção social, refletida em aumento em relações mais próximas (PENNINGROTH; SCOTT, 2012).

A redução das redes sociais, contudo, não é exclusiva da velhice, mas da condição que o indivíduo se encontra para avaliar a sua perspectiva de tempo futuro. Carstensen (2006) apoia a ideia de que idosos e jovens tendem a se comportar de maneira semelhante quando horizontes de tempo são igualados. Doenças terminais, situações contextuais como crises governamentais, mudanças de residência para locais distantes são eventos que influenciam a perspectiva de tempo futuro. Um exemplo citado por Carstensen, Fung & Charles (2003) é o atentado terrorista ocorrido dia 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América cujo impacto em sua população alterou a consciência de limitação e finitude. Os pesquisadores encontraram indicadores de que essa consciência se associou a mudança em objetivos, direcionando-os para aqueles emocionalmente significativos (CARSTENSEN; FUNG; CHARLES, 2003, FUNG; CARSTENSEN, 2006).

Além disso, a consciência da limitação do tempo futuro tende a atenuar experiências emocionais negativas e aumentar a valorização das experiências positivas. A sensação de que “essa pode ser a última vez” muda reações emocionais nas trocas sociais positivas e negativas. Pesquisas sugerem que idosos podem ser mais hábeis em

regular as emoções por diferentes recursos, como adoção de uma perspectiva mais positiva e a mudança estratégica da atenção para aspectos positivos do meio ambiente (CARSTENSEN et al., 2011; ENGLISH; CARSTENSEN, 2014).

Para identificar e medir diferenças individuais em perspectiva de tempo futuro, Carstensen e Lang (1996) desenvolveram uma escala composta por dez itens que avaliam a percepção temporal dos indivíduos em termos de amplitude, oportunidades ou limitações. Segundo revisão de Fung e Isaacowitz (2016) esta escala se mantém a mais comumente utilizada na literatura de estudo sobre a temática. Registram ainda que os avanços posteriores da TSSE e especialmente dos estudos teórico-metodológicos sobre PTF tem levado a um refinamento dessa medida e desse construto cuja utilização ultrapassa os limites da TSSE. PTF tem sido tomada como um indicador desenvolvimental importante e, em alguns estudos, mais informativa do que a utilização da idade cronológica na identificação de processos adaptativos e de ajustamento psicológico (BROTHERS; CHUI; DIEHL, 2014; FUNG; ISAACOWITZ, 2016).

Em pesquisas com idosos canadenses residentes na comunidade, Kozik, Hoppmann e Gerstorf (2015) replicaram a estrutura bidimensional da escala (foco em oportunidades x foco em limitações ocasionadas pelo tempo) e encontraram especificidade nas associações dessas dimensões com medidas de bem-estar geral e estresse. Outros pesquisadores, tais como Brothers, Chui e Diehl (2014), consideram que a escala é útil, mas deve envolver outros itens complementares aos propostos pela escala de Carstensen e Lang (1996) e sugerem um terceiro domínio de incerteza ou ambiguidade nas avaliações relativas ao tempo futuro, mas ainda pouco replicado em outros estudos. Grün, Sharifian e Chu (2016) em pesquisa com amostra de 2.504 adultos (17 a 87 anos) reforçaram em seus dados que os idosos têm uma perspectiva de tempo futuro mais limitada quando comparados com os jovens. Apesar disso, a idade e a PTF limitada tiveram efeitos opostos na previsão do bem-estar subjetivo, afeto, emoções positivas, empatia e atitudes em relação às emoções.

Para a Psicologia do Envelhecimento e para a Gerontologia, a TSSE é uma teoria motivacional *life span* que conduz à compreensão da motivação para o contato social na velhice e explicações de natureza adaptativa frente às evidências de redução nas redes sociais dos idosos. Em suma, sua contribuição central foi a de teorizar e gerar evidências sobre a redução nas redes das relações sociais e seus significados adaptativos e positivos que visam retorno emocional e manutenção do bem-estar. Estrategicamente, os idosos tendem a compor uma rede social mais focada em relações próximas significativas do que

em relações periféricas, investindo sua energia na manutenção e satisfação dos seus relacionamentos.

A proliferação de estudos tendo como base a TSSE na compreensão das relações sociais na velhice é evidente nas bases de dados de pesquisas internacionais, tais como a PsycINFO (gerenciada pela APA - *American Psychological Association*). Em levantamento realizado nessa base, sobre publicações datadas entre fevereiro de 2007 a fevereiro de 2017, foram localizados 142 artigos, com as palavras-chave “*socioemotional selectivity theory*” no resumo das publicações. A tabela 1 sintetiza os dez artigos mais recentes, com seus devidos resumos, os quais tratam das temáticas de motivação, adaptação ou ajustamento. Foi escolhido como critério os artigos mais recentes, com o intuito de demonstrar como a TSSE tem sido difundida no cenário atual e suas áreas de aplicabilidade.

Tabela 1 - Publicações mais recentes utilizando palavras-chave *socioemocional selectivity theory*, segundo a base de dados *PsychInfo*.

Autores	Título	Ano	Resumo
WILLIAMS, et al.	Age differences in gain- and loss-motivated attention.	2017	De acordo com a TSSE, o envelhecimento está associado a maior ênfase nas metas de regulação emocional, levando os mais velhos a priorizar informações positivas sobre as negativas. Isto sugere que a liberação física de noradrenalina em resposta a estímulos ameaçadores pode ser diminuída nos mais velhos. No presente estudo, jovens (18-34 anos) e velhos (60-82 anos) completaram o Teste de Rede de Atenção (ANT) modificado para incluir uma manipulação de incentivo. Os achados encontraram correlação entre excitação física e manutenção da sensibilidade apenas para ganhos em idosos.
SAVA, et al.	Memory for faces with emotional expressions in Alzheimer's disease and healthy older participants: Positivity effect is not only due to familiarity.	2017	Os participantes saudáveis mais velhos e pacientes com Doença de Alzheimer (DA) mostram melhor memória para rostos com expressões positivas. A TSSE postula que este efeito de positividade na memória reflete uma preferência geral relacionada à idade para estímulos positivos, devido a regulação emocional. Foi comparado o desempenho de participantes saudáveis e pacientes com DA para faces positivas, neutras e negativas em tais tarefas. Os participantes saudáveis mais velhos e os pacientes com DA mostraram um efeito de positividade na memória, mas não houve diferença entre os rostos emocional e neutro em jovens participantes. Os resultados sugerem que o efeito positividade na memória não é inteiramente devido ao sentido de familiaridade para rostos sorridentes.
CHUNG; LEE.	Patterns of time use across the life span in korea: A latent class analysis and age and gender differences.	2016	O objetivo deste estudo foi obter uma compreensão do uso do tempo ao longo da vida usando a TSSE. Os dados foram provenientes do "Korean Time Use Survey". Os resultados foram resumidos com base nas análises de nove classificações comportamentais. Após o sono e o cuidado pessoal, o coreano alocou mais tempo nas atividades diárias para relacionamentos e lazer, seguido de educação, trabalho remunerado e gestão do domicílio. Três classes diferentes de uso do tempo foram classificadas em cada faixa etária. O uso do tempo centrado na educação revelou-se principalmente nos jovens, trabalho remunerado centrado na meia-idade, e relacionamento e lazer centrado em adultos mais velhos. Houve diferenças significativas de gênero. Os padrões de tempo dos homens não mudaram acentuadamente, enquanto os padrões das mulheres mudaram. Enquanto isso, na faixa etária de 65 anos ou mais, o trabalho remunerado apareceu ao lado do lazer, entre as atividades mais proeminentes. Esse fenômeno está intimamente relacionado com a alta taxa de pobreza dos idosos na Coreia.

“Continua”

“Continuação”

Autores	Título	Ano	Resumo
BOHN; KWONG SEE; FUNG.	Time perspective and positivity effects in Alzheimer's disease	2016	O estudo testou se a perspectiva temporal, premissa da TSSE, modera os efeitos da positividade na memória emocional. Para fornecer medidas de perspectiva de tempo, jovens (YA, M = 22,48 anos), idosos jovens (YO, M = 67,56 anos), idosos mais velhos (OO, M = 80,24 anos) e participantes com moderada gravidade da doença de Alzheimer (PAD, M = 84,28 anos) relataram idade subjetiva. Como esperado, YA, YO e OO relataram sucessivamente perspectivas de tempo futuras mais restritas. PAD mostrou distorção na perspectiva do tempo, prevendo um futuro comparável com o YO, embora mais parecido em idade cronológica para OO adultos. Para evidenciar efeitos positivistas, os participantes foram orientados por pares de imagens emocionais e foram então testadas a memorização das imagens. Houve uma vantagem relacionada com a idade referente ao positivo sobre o material negativo. A perspectiva temporal, no entanto, não moderou estes efeitos de idade. No desempenho da memória, PAD foram mais comparáveis com OO adultos com quem eles compartilharam uma idade cronológica semelhante, ao invés de YO adultos, que tinham uma perspectiva de tempo correspondente. Esses resultados sugerem que os correlatos de idade que são compartilhados por PAD e OO, como a redução dos recursos de processamento, em vez da perspectiva temporal, podem conduzir os efeitos de positividade associados à idade.
FUNG; ISAACOWITZ.	The role of time and time perspective in age-related processes: Introduction to the special issue.	2016	Atualmente, parece haver um consenso geral sobre a relação entre a perspectiva temporal e o envelhecimento, de tal forma que o tempo futuro é percebido como mais limitado com a idade e as pessoas mais velhas são mais focadas no presente e menos centradas no futuro do que as pessoas mais jovens. Ao mesmo tempo, há debates sobre se essas diferenças de idade estão positivamente relacionadas com o bem-estar e até que ponto existem condições de fronteira além das quais essas diferenças de idade deixariam de ocorrer. Os oito manuscritos incluídos tentam esclarecer esses debates. Ao fazê-lo, eles refinam a perspectiva teórica dominante sobre o tópico TSSE e introduzem novas perspectivas teóricas. São também discutidas novas medidas e metodologias para o estudo da perspectiva temporal e do envelhecimento.
NOTTHOFF, et al.	Positive messages enhance older adults' motivation and recognition memory for physical activity programmes.	2016	Idosos (N = 53, idade 60-87 anos) foram introduzidos a seis programas de atividade física aleatoriamente pareado com mensagens positivas ou negativas. Os participantes indicaram como estavam motivados para participar em cada programa, fornecendo classificações sobre atratividade, adequação, capacidade e intenção. Eles também completaram testes de reconhecimento. Os entrevistados se sentiram mais motivados a participar de programas de atividade física com mensagens positivas do que aqueles com negativas. Eles também tinham melhor memória de reconhecimento para mensagens positivas. Os achados suportam a noção de que a TSSE é uma base útil para o projeto de intervenção em saúde.

“Conclusão”

Autores	Título	Ano	Resumo
STROUG H, et al.	Hour glass half full or half empty? Future time perspective and preoccupation with negative events across the life span.	2016	Amostra de 18-93 anos buscou verificar ajustes da perspectiva de tempo futuro. Na meia-idade, as pessoas se concentraram mais em oportunidades futuras do que tempo limitado. Em torno de 60 anos, houve foco menor em oportunidades futuras e mais em tempo limitado. Em todas as idades, os horizontes temporais das mulheres se concentravam mais nas oportunidades futuras em comparação com os homens. Concentrar-se em oportunidades futuras foi associado a relatar menos preocupação com eventos negativos, ao passo que concentrar-se em tempo limitado foi associado a relatar mais preocupação. Os mais velhos relataram menor preocupação com eventos negativos. Esta associação foi mais forte depois de apresentarem percepções de tempo mais limitadas do que oportunidades futuras, sugerindo outras vias para esses resultados.
BARBER, et al.	Thinking about a limited future enhances the positivity of younger and older adults’ recall: Support for socioemotion al selectivity theory. Memory & Cognition	2016	O objetivo da pesquisa foi abordar se há uma ligação entre os horizontes de tempo e positividade. Em duas experiências separadas, os participantes concluíram uma atividade de escrita, o que os levou a pensar que o tempo era limitado ou expansivo (Experimentos 1 e 2) ou não os orientava a pensar o tempo de uma maneira particular (Experimento 2). Foram mostrados retratos emocionais, para subsequente recordação. Os resultados mostraram que, independentemente da idade cronológica, pensar sobre um futuro limitado aumentou a positividade relativa da recordação dos participantes. Além disso, os resultados da Experiência 2 mostraram que este efeito não foi conduzido por alterações no humor. Assim, as recordações dos mais velhos ser tipicamente mais positiva do que os mais jovens pode ser um indicador de mudanças nos horizontes temporais e metas conforme a idade.
KIM; KANG.	Older and more engaged: The mediating role of age- linked resources on work engagement.	2016	Na era de uma mão-de-obra grisalha, há a preocupação com o impacto dessa mão-de-obra no nível de engajamento no trabalho. O presente estudo visa esclarecer como os trabalhadores mais velhos são mais engajados no trabalho do que os trabalhadores mais jovens. Com base na TSSE e na Teoria da Continuidade a partir de uma perspectiva de vida, é explicado como os indivíduos ganham mais recursos à medida que envelhecem, incluindo as habilidades para regular a emoção e manter uma identidade de carreira. A pesquisa teve como amostra 613 trabalhadores dos Estados Unidos. O estudo demonstra que a emoção bem regulada e o forte compromisso com a carreira mediam a relação positiva entre a idade e o envolvimento no trabalho simultaneamente. Estas descobertas contribuem para a compreensão do envolvimento do envelhecimento da força de trabalho no local de trabalho.
MANSSO N.	The joy of grandparentin g: A qualitative analysis of grandparents.	2016	De acordo com a TSSE, as pessoas se tornam emocionalmente seletivas à medida que envelhecem e, portanto, fazem escolhas principalmente por relações mais próximas. O objetivo deste estudo foi examinar o que avós (N = 104) compreendem como mais gratificante sobre ser avós. Os participantes completaram uma pesquisa na qual foram solicitados a responder à pergunta: "Na sua experiência, quais são as melhores partes em ser avô?" As 586 respostas foram codificadas de acordo com as recomendações de Braun e Clarke (2006) para análises temáticas, que resultaram em cinco temas distintos: maturação, afeto mútuo, orgulho, atividades compartilhadas e ensino e aprendizagem.

Em grande parte dos artigos descritos na tabela 1, os pressupostos da Teoria da Seletividade Socioemocional são investigados por meio de dados coletados com amostras de pessoas idosas. Em geral, as hipóteses embasadas pela TSSE abordadas nessas publicações foram: a) a frequência das emoções positivas em relação às negativas é maior com o envelhecimento; b) à medida que as pessoas envelhecem relatam menos instabilidade emocional; c) a perspectiva de tempo futuro tem relação com metas de vida, podendo ser de ordem mais emocional ou informativa; e) as pessoas se tornam mais seletivas na velhice, com base em critérios emocionais.

Além de a TSSE ser ratificada nesses estudos, há pesquisas que indicam outras tendências e investimentos sobre aspectos específicos da teoria, como é o caso do constructo “perspectiva de tempo futuro” (PTF). No estudo de Fung e Isaacowitz (2016), por exemplo, a PTF é discutida com novos direcionamentos e metodologias, a fim de propor um refinamento dessa medida e do construto. Observa-se ainda, uma variedade de temáticas para as quais foram utilizadas a TSSE como embasamento teórico, indicando as contribuições que a teoria tem lançado luz sobre diversos aspectos relativos às motivações socioemocionais ao longo da vida e aplicações a contextos como programas de saúde, ambiente corporativo e estudos culturais.

Em especial, a TSSE tem sido a teoria de referência para estudos a partir de dados neurofisiológicos para as explicações do chamado “efeito de positividade” nos processos de atenção e memória de idosos. Esse efeito é descrito como a tendência de os idosos devotarem maior foco atencional e capacidade de armazenamento em memória de curto prazo à estímulos de valência emocional positiva em maior proporção do que os indivíduos mais jovens e a recrutar estratégias de regulação emocional mais adaptativas do que estes. A priorização do bem-estar emocional manifesta por meio de estratégias cognitivas e de padrões neurofisiológicos específicos seriam evidências de seletividade socioemocional (ENGLISH; CARSTENSEN, 2016)

No âmbito nacional, destaca-se que a inserção da TSSE à pesquisa e ao ensino em Gerontologia e Psicologia do Envelhecimento no Brasil se deu, principalmente, pela tradução do texto de Carstensen (1995) “Motivation for social contact across the life-span: a theory of emotional selectivity” (Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional) pela Professora Doutora Anita Liberalessso Neri como parte de uma coletânea de textos considerados fundamentais ao estudo do envelhecimento no ano de 1995 (NERI, 1995). Entretanto, em bases de dados de pesquisa nacional, tal como a SciELO Brasil, não foram localizados artigos utilizando

como palavras-chave “teoria da seletividade socioemocional”, em qualquer parte do texto. Quando integrada a SciELO com a ferramenta de busca Google Acadêmico, também não foram localizadas publicações com as palavras-chave no título do artigo. Sendo assim, nova pesquisa foi realizada no Google Acadêmico utilizando como critérios artigos somente em português (Brasil), datados entre 2010 até 2017, com frase exata em qualquer lugar do artigo. Foram localizadas 27 produções nacionais que utilizaram a TSSE como fundamentação teórica. Embora haja referência à TSSE na explicação de evidências em estudos sobre quantidade de contatos, qualidade, suporte e amizades, não tem havido uma tentativa explícita de identificar a validade de seus pressupostos em nosso contexto. Por exemplo, os estudos como o de Emmel, Paganelli e Valio (2015), intitulado “Uso do tempo de um grupo de idosos do município de São Carlos”, e o de Carmona, Couto e Scorsolini-Comin (2014), “A experiência de solidão e a rede de apoio sociais de idosos” são representantes das produções nacionais recentes, fazem referência à teoria, mas pouco a utiliza na explicação dos fenômenos estudados.

O artigo de Emmel, Paganelli e Valio (2015) buscou compreender como idosos frequentadores de um programa para a Terceira Idade faziam uso de seu tempo. A maioria do tempo dos idosos foi gasto com Atividades de Vida Diária e Vida Prática. As atividades que os idosos dedicaram mais o seu tempo, em média, foi a de sono e cochilos, seguida das atividades relacionadas aos serviços domésticos e a preparação de refeições/cozinhar. Quando acompanhados em suas atividades, os idosos do presente estudo estavam na companhia do cônjuge e da família. De acordo com os autores, pode-se considerar que os idosos se mantiveram próximos aos familiares em seu cotidiano por estes proporcionarem experiências positivas e a manutenção do bem-estar, conforme tratado na TSSE.

A publicação de Carmona, Couto e Scorsolini-Comin (2014) trata-se de um estudo de casos coletivos, de caráter qualitativo, o qual as participantes avaliaram a solidão de modo ambíguo, ora como positivo, ora como negativo. Também foi relatado não sentir solidão nesta etapa da vida, mas que isso pode aumentar com a idade. A manutenção de vínculos e atividades sociais constituiu-se como um fator protetor em relação à solidão. As idosas relataram sentir-se apoiadas quanto as pessoas citadas em sua rede social, demonstrando satisfação com os vínculos estabelecidos. De acordo com os autores, isso pode se relacionar com a TSSE, ao considerar que os idosos tendem a ter uma rede mais restrita formada por pessoas que ofereçam conforto emocional.

A partir dos levantamentos internacionais e nacionais, constata-se ainda os apontamentos feitos pelos autores sobre as necessidades de avanços ou novas frentes de pesquisa sobre relações sociais na velhice e sobre a aplicação da TSSE. Entre esses argumentos, encontra-se o de Fisher e Beresford (2015) sobre a necessidade de compreender a dinâmica da composição e funções das redes de relações sociais no tempo, considerando as influências de gênero e nível educacional. O artigo desses autores, denominado “Changes in Support Networks in Late Middle Age: The Extension of Gender and Educational Differences”, de caráter longitudinal, demonstrou que entre os 50 a 60 anos de idade, as mulheres e os graduados tinham maior rede de relações sociais. Quando considerado os tipos de suporte social houve diferenças entre os gêneros. Já no caso dos graduados, esses tiveram maior suporte em todos os aspectos quando comparado com pessoas que só cursaram até o ensino médio.

Embora a presente revisão de marcos teóricos tenha se restringido à emergência e expansão da TSSE, o estudo das relações sociais na velhice e em especial da temática das redes de relações em Gerontologia dispõe de um conjunto mais amplo de perspectivas e metodologias. Em revisão sobre os novos desafios dos estudiosos, Cornwell, Marcum e Silverstein (2015), salientaram alvos de investimentos futuros nas teorias sobre relações sociais na velhice em geral, os quais se estendem à TSSE, em particular. Em especial, destacou os novos cenários para relacionamentos propiciados tanto por mudanças sociais e ideológicas, tais como a expansão da expectativa de vida, a migração, as questões de gênero e sexualidade, quanto pelos avanços tecnológicos em informação e comunicação. Essas últimas começam a trazer elementos novos a ser examinados no âmbito do estabelecimento e manutenção das relações sociais na velhice por vias digitais, por exemplo, colocando à prova a validade de teorias vigentes sobre as relações estabelecidas off-line.

1.2 OPORTUNIDADES ABERTAS PELAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NA VELHICE

A revisão dos marcos teóricos no estudo das relações sociais na velhice apontou para um conjunto de pressupostos aceitos e vigentes que possibilitam descrever as relações sociais em termos de sua composição estrutural (seja numérica, geográfica, parental, etc.) e afetiva (intimidade e troca de afetos, por exemplo) ou pelos denominados

“comboios sociais” e mesmo com o auxílio de indicadores motivacionais e desenvolvimentais (relacionada a processos de envelhecimento ou alcance de tarefas evolutivas). Apontou também a TSSE como uma explicação dinâmica sobre esses elementos na velhice e para a possibilidade de as teorias vigentes em Gerontologia configurarem-se em pontos de partida para os estudos sobre as novas realidades sociais dos idosos. Dentre essas novas possibilidades, destacam-se as geradas pelo advento da revolução eletrônica e tecnológica e mediada pelas novas Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs).

Mais especificamente, o estabelecimento e a manutenção das relações sociais que se dão nas chamadas Redes Sociais Digitais (RSD) passam a ser alvo de investigação e fonte de novas evidências sobre o que é normativo ou esperado no âmbito da motivação para o contato social na velhice. No contexto das TICs, as Redes Sociais Digitais são definidas como um processo de socialização, em uma forma de interação coletiva e social direcionado para o compartilhamento de informações, desejos e interesses. A relação que as pessoas estabelecem entre si e o ambiente virtual interage com variáveis como afeto, confiança, sentido de pertencimento, solidariedade, proatividade, reciprocidade, entre outras (FRANCO, 2012). Argumentos teóricos recentes associam o uso das TICs na velhice com possibilidade de diminuição em solidão ou isolamento social (PÁSCOA, 2012; KHVOROSTIANOV, 2016).

Dentre os sites de redes sociais existentes, o Facebook é o mais popular atualmente, inclusive para o público mais velho. Ele possibilita a interação por meio de comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço caracterizado como encontro, partilha e discussão de ideias, como também pode ter implicações importantes em termos de oferta de capital social para os idosos (PÁSCOA, 2012; SINCLAIR; GRIEVE, 2017).

Segundo dados coletados no próprio Facebook (2015), existem dois milhões e duzentas mil pessoas com mais de 55 anos no Brasil que possuem uma conta no site. Quando a pesquisa é delimitada para o município de São Paulo (SP), o número é de trezentos e vinte mil pessoas dessa faixa etária. Vale ressaltar que os números correspondem aos usuários que inseriram a data de nascimento no perfil. Como existem pessoas que não incluem a idade no cadastro, estima-se uma quantidade maior de usuários que o citado acima.

Dentre os estudos que têm buscado elucidar a temática do envelhecimento e as relações via Facebook, Faerman (2011) aponta que um dos principais estímulos das

pessoas utilizarem o site de relacionamento é para reencontrar amigos e colegas de infância. De modo geral, o site possibilita que o usuário interaja com qualquer pessoa do mundo, sendo que as opções aumentam a cada nova conexão com outro usuário pelo fato de poder visualizar sua rede de amigos. Sendo assim, pode-se dizer que a simples aceitação de um novo contato na rede simboliza não só mais um membro, pelo contrário, significa uma rede inteira de relacionamentos que pode ser estabelecida.

Pesquisa de Rebelo (2015), que também aborda sobre as motivações dos idosos ao usar a mídia social, além de reforçar a importância do uso para reestabelecer e fortalecer relações com amigos e familiares, aprofunda o uso do Facebook para outros aspectos. De acordo com os relatos dos entrevistados portugueses, na maioria dos casos onde os laços eram reatados, os contatos não ficaram apenas pelo mundo digital, tendo motivado também reencontros pessoais. Além disso, alguns dos motivos para o interesse em aprender a utilizar a Internet e o Facebook foi a busca por pertencimento, participação em conversas e, até mesmo, de atualização quanto ao uso de termos específicos dessa forma de comunicação, como gírias usadas nas mídias sociais. Para a autora, a utilização da Internet e do Facebook é um fomento das relações intergeracionais. Não só porque os idosos se tornam mais preparados para participar das conversas dos mais novos, mas também porque a ajuda na aprendizagem e no uso das ferramentas online é feita normalmente por familiares, amigos, colegas mais jovens ou membros da comunidade social em que se inserem.

O Facebook, devido a sua variedade de funções e motivações, incluindo as necessidades sociais dos usuários, pode por consequência, resultar em benefícios para a saúde. É o que aborda a pesquisa de Haris et al. (2014), intitulada “The Role Of Social Media in Supporting Elderly Quality Daily Life”, o qual investigou como os idosos usavam a mídia social para lidar com a sua vida diária. Por meio de um estudo netnográfico, durante três meses foi realizada a observação participante e coletados dados do Facebook de três idosos que compunham a amostra. Como resultado, perceberam que os participantes satisfaziam a sua demanda social pela capacidade de fazer contato com um novo usuário e também sentiam felicidade e prazer em manter a conectividade com a família e amigos. Os idosos relataram estar de acordo com a suposição de que o Facebook é uma abordagem positiva para eles ganharem a qualidade social, o aprendizado pessoal, a curiosidade e a estabilidade da sua vida. Os dados encontrados, segundo os autores, são indicativos de que a RSD é capaz de apoiar os sete componentes da qualidade de vida

necessários aos idosos, que são aqueles relacionados com rede de suporte, espiritualidade, bem-estar emocional, independência, participação, saúde e poder aquisitivo.

Noutro estudo, Jantsch e colaboradores (2012) também investigaram a qualidade de vida em usuários idosos do Facebook. Participaram 19 idosos entre os anos de 2009 e 2011 do curso de inclusão digital desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Amostra foi formada por público ativo e participativo nas redes, com interações de longo prazo que foram reestabelecidas com o apoio da tecnologia. Por outro lado, os resultados indicaram preocupação com o impacto das RSDs no cotidiano, pela invasão de privacidade. Foi observado uma predominância alta na qualidade de vida dos idosos, nos diferentes domínios do WHOQOL-bref. De acordo com os autores, cabe aos educadores, gerontólogos e aqueles que trabalham com a inclusão digital deste público, proporcionar o uso consciente das redes sociais, mostrar as possibilidades e potencialidades de seu uso, a fim de utilizá-la como recurso para gerar benefícios na qualidade de vida dos idosos.

Aliado à qualidade de vida, Myhre (2013) encontrou em seu estudo que aprender e usar Facebook pareceu fornecer benefícios específicos para funções executivas associadas com a memória de trabalho em um grupo de idosos saudáveis. Isso pode refletir as demandas cognitivas particulares associadas com redes sociais on-line e/ou os benefícios do engajamento social de forma mais geral.

Uma vez que o Facebook se configura como um ambiente virtual para relações sociais, representa oportunidade de compreensão das relações sociais online em termos de estrutura, função e satisfação com as mesmas. Possibilita ainda compreender se os pressupostos das teorias gerais sobre relações sociais, como a TSSE, também são válidos para as relações que se estabelecem, por exemplo, através de meios digitais.

Em estudo americano, intitulado “Age Differences in Online Social Networking: Extending Socioemotional Selectivity Theory to Social Network Sites”, Chang et al. (2015) buscaram analisar as diferenças etárias quanto ao tamanho e composição da rede social no contexto do Facebook. Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa telefônica nacional usando amostra representativa de adultos, com idade entre 18 a 93 anos, que eram moradores da parte continental dos Estados Unidos. Os resultados confirmaram as hipóteses baseadas na Teoria da Seletividade Socioemocional, a saber: a) a idade foi negativamente associada com o tamanho da rede online; b) os idosos tiveram maior proporção de relações sociais significativas em suas redes on-line do que os mais jovens; c) a idade foi negativamente associada com a frequência de postagens no perfil e com a verificação das informações de outros usuários; d) a proporção de amigos atuais

do Facebook foi negativamente associada com a solidão ao longo da vida. Entendeu-se por amigos atuais aqueles que compõem uma ligação mais forte no ambiente off-line.

Além disso, de acordo com os princípios da TSSE, de que as diferenças de idade no tamanho da rede e composição são uma resposta adaptativa à mudança de motivações sociais, uma maior proporção de amigos atuais do Facebook está associada com níveis mais baixos de isolamento social e solidão. Assim, os resultados sugerem que as redes sociais online dos mais velhos são mais propícias para o bem-estar do que para os mais jovens. Esse fato também corrobora a TSSE, pois enquanto os jovens estão dispostos a trocar bem-estar emocional pelos potenciais benefícios de crescimento da rede e, portanto, tolerar uma proporção menor de amigos atuais, os adultos mais velhos são mais propensos a manter redes emocionalmente gratificantes com uma alta proporção de parceiros sociais afetivos.

Embora os resultados sejam consistentes com hipóteses baseadas na TSSE, o estudo apontou limitações em sua pesquisa. Uma delas foi o fato de só incluírem a avaliação do conforto e senso de eficácia no uso da internet em geral, e não especificamente com o ambiente do Facebook. O presente estudo também não avaliou diretamente horizontes de tempo como através do construto de perspectiva de tempo futuro, sendo esse um dos pressupostos centrais à TSSE. Os autores destacaram ainda o fato de utilizarem apenas um marcador simples para identificar a composição da rede social (o número total de contatos e número de contatos considerados como amigos atuais) baseado exclusivamente em auto relatos, o que pode influenciar na validade das informações.

Diante dessas constatações e dos resultados encontrados referentes ao efeito da idade cronológica no tamanho e composição da rede no Facebook, os autores recomendam outras pesquisas para examinar as motivações em diferentes idades, como a investigação da perspectiva de tempo futuro. Também é sugerido estudo longitudinal para compreender como as relações sociais mudam ao longo da vida; pesquisa sobre como as pessoas adaptam seus comportamentos de comunicação para atingir objetivos sociais em interações com os membros da rede; e realização de uma avaliação mais diferenciada para caracterizar a rede social on-line.

Considera-se que essas novas tecnologias podem ser fonte de otimização de processos adaptativos. Navegar na RSD pode ser considerada uma estratégia utilizada pelos idosos para compensar distâncias geográficas, debilidades físicas e gerenciamento do tempo. O que pode contribuir para diminuir a solidão e o isolamento social, e fomentar

a sua participação social, promovendo a autonomia e independência do idoso, temas centrais na Gerontologia (CHANG et al., 2015; PÁSCOA; GIL, 2015).

Potencialmente, o conhecimento sobre essas novas formas de interação pode incentivar intervenções de natureza prática que envolvam trocas intergeracionais e interpessoais, tanto com familiares, amigos e também em novos contatos que podem surgir devido a sua entrada no ambiente virtual. Isso possibilita ampliar a variedade de intervenções educativas, como em oficinas de inclusão digital e de desenvolvimento pessoal. No campo específico da gerontologia educacional, por exemplo, o Facebook pode ser utilizado como ferramenta de empoderamento do idoso, autoconhecimento, desenvolvimento de habilidades e aprimoramento da linguagem. Além dessa abordagem educativa, a RSD também pode ser mais uma forma de mapeamento das relações sociais dos idosos, a fim de ser um instrumento de apoio para prática profissional e a pesquisa (JANTSCH et al., 2012).

Considera-se necessário, portanto, descrever as relações sociais que os idosos estabelecem por essa via a partir de seus elementos motivacionais, estruturais, afetivos e desenvolvimentais e analisa-los à luz de uma teoria influente em Gerontologia.

De modo especial, a presente dissertação apresentará um conjunto de estudos empíricos desenvolvidos para lançar luz sobre as redes de relações sociais estabelecidas por idosos no Facebook em seus aspectos motivacionais, estruturais, funcionais e de satisfação. De forma complementar, buscará evidências sobre a possibilidade de extensão dos pressupostos da TSSE na explicação para as relações sociais estabelecidas nesse contexto, por meio de indicadores de perspectiva de tempo futuro e suas relações com a composição das redes e com satisfação percebida pelos idosos.

Cada um dos estudos foi apresentado segundo as normas para submissão de artigos exigida pelos periódicos qualificados selecionados para submissão dos mesmos.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações sociais são de vital importância para a qualidade de vida dos idosos. Ao acompanhar as novas tendências na área da tecnologia, observa-se que cada vez mais a socialização é motivada e mediada por uso de dispositivos digitais, como o Facebook. Sabendo disso, torna-se importante investigar como estão estruturadas e organizadas as relações sociais dos idosos no meio online. Os estudos apresentados possibilitaram compreender como se dão as relações sociais na velhice via Facebook, de modo que não fosse apenas uma pesquisa descritiva, mas embasada em teoria de grande reconhecimento internacional, tal como é a Teoria da Seletividade Socioemocional. Fundamentada nos pressupostos dessa teoria foi possível trazer dados relativos a características motivacionais, estruturais, afetivas e desenvolvimentais.

Embora parta de dados de amostra formada por critérios de conveniência, os estudos desenvolvidos permitiram identificar a composição e operacionalizar as relações sociais no ambiente virtual. A amostra foi formada por maioria de mulheres, cuja faixa etária se concentrou entre 60 a 70 anos, utilizam a plataforma por meio de seus próprios dispositivos digitais, com grande parte acessando ao menos uma vez por dia a plataforma e que apresenta ter domínio no uso do Facebook para suas próprias necessidades.

Por meio da Análise de Correspondência Múltipla foi possível identificar quatro possíveis perfis de usuários idosos, de acordo com as aproximações entre variáveis sociodemográficas, de uso do Facebook e motivacionais. Os dados reforçaram a heterogeneidade presente na velhice, o qual foi formada por idosos com diferentes níveis de suporte social, status conjugal, escolaridade, com variadas motivações para o uso do Facebook, tais como o interesse em novos conhecimentos, opção de entretenimento e interação com diversos tipos de contato.

Ao mesmo tempo que há uma variedade de demandas que são supridas pelo uso da plataforma, o tamanho da rede social dos idosos não aparentou se ampliar. A sua composição social é formada por maioria de contatos já conhecidos, principalmente por amigos e familiares. Além disso, um terço da amostra opta por ter em sua rede virtual contatos com maior proximidade emocional. Tais dados reforçam que o Facebook é um recurso mais ligado a manter e fortalecer o círculo social já existente do idoso, do que ampliar sua rede por meio de novas interações. Isso vai de encontro com a TSSE, à medida que a pessoa envelhece há uma diminuição da rede periférica dos seus contatos e maior escolha por pessoas que tragam retorno emocional.

No caso do Facebook, além de promover trocas afetivas, outros objetivos conseguem ser supridos por meio da rede social existente. Devido a tecnologia ampliar o alcance de metas, sem necessariamente ter um maior dispêndio de energia, a plataforma acaba sendo um contemporâneo recurso adaptativo, pois diminui distâncias geográficas e minimiza problemas de saúde, por exemplo. A utilização da tecnologia, para esses grupos, pode ser interpretada como um recurso ora de manutenção, ora de otimização ou mesmo de compensação das limitações ou dificuldades impostas às relações e objetivos sociais na velhice.

A tecnologia, nesse caso o Facebook, ao ampliar as possibilidades de trocas e novos horizontes, possivelmente influencia e é influenciada pela perspectiva de tempo futuro percebida por idosos. Sendo assim, a PTF como pressuposto da TSSE se manteve em parte. No segundo artigo, a escala foi organizada em três domínios, apontando para novas perspectivas que podem ser criadas por meio desse construto. Os domínios se diferenciaram e associaram-se mais a indicadores de ajustamento psicológico, do que a mecanismos de adaptação. A partir do teste de um modelo baseado na TSSE para verificar a sua extensão, foi utilizada a análise de equações estruturais via análise de caminhos (Path Analysis), a qual apontou que os sujeitos com maior satisfação com a vida foram os com maior perspectiva de tempo futuro, especificamente nos fatores 1 e 2, e maior idade.

Portanto, observa-se que os pressupostos da TSSE se estendem parcialmente quando se leva em consideração a amostra pesquisada, que é composta por idosos ativos, engajados virtualmente, com alta satisfação com a vida, que não percebe significativamente um estreitamento em tempo futuro e nem se foca apenas nas limitações.

Considera-se que tais análises e conclusões a respeito da TSSE são possíveis porque, do ponto de vista da ciência, a TSSE pode ser considerada uma teoria “refutável” ou “falseável”. Segundo Carstensen e English (2016), a ênfase da teoria sobre a percepção de tempo, claramente separada do conceito de idade e sujeita a manipulações experimentais, é uma das forças da teoria, tornando-a testável e capaz de gerar evidências que suportam ou refutam suas predições.

Para a Gerontologia, as evidências sugerem e suscitam novas pesquisas e alvos de intervenções com idosos. Em especial, destacam-se as de natureza educacional com foco em estimular e capacitar idosos em utilizar as novas ferramentas digitais, promovendo inclusão digital e saúde. O Facebook pode ser utilizado como ferramenta de

empoderamento do idoso, autoconhecimento, desenvolvimento de habilidades e aprimoramento da linguagem. Além dessa abordagem educativa, a RSD também pode ser mais uma forma de mapeamento das relações sociais dos idosos, a fim de ser um instrumento de apoio para prática profissional e a pesquisa.

São apontadas limitações metodológicas, que embora restrinjam generalizações dos achados, estimulam novas pesquisas e o desenvolvimento de metodologia e instrumentos válidos e confiáveis para o exame de relações sociais dessa natureza. A tendência crescente de estabelecimento de relações sociais por meio de plataformas digitais, principalmente por idosos, exigirão tais desenvolvimentos e permitirão uma compreensão mais ampla dos processos de envelhecimento em seus aspectos sociais e emocionais.

REFERÊNCIAS

ALLEY, D. E. et al. The Increasing Use of Theory in Social Gerontology: 1990–2004. *The Journals of Gerontology series B*, v. 65B, n. 5, p. 583-590, 2010.

ALVARENGA, M. R. M. et al. Rede de suporte social do idoso atendido por equipes de Saúde da Família. *Temas livres*, v. 16, n. 5, p. 2603-2611, 2009.

ANDERSON, J.C.; GERBING, D.W. Structural equation modeling in practice: A review and recommended two-step approach. *Psychological Bulletin*, 103, 411-423, 1988.

ANTONUCCI, T. C.; BIRDITT, K. S.; AKIYAMA, H. Convoys of Social Relations: an interdisciplinary approach. In: BENGSTON, et al. (orgs). *Handbook of Theories of Aging*. New York: Springer, 2009.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SANTOS, M. F. S. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, v.18, n. 2, p. 89-98, 2006.

BALTES, P. B. Theoretical propositions of the life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, v. 23, p. 611-696, 1987.

BALTES, P.; BALTES, M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P.; BALTES, M. (Orgs.), *Successful aging*. New York: Cambridge University Press, p. 1-34, 1990.

BALTES, P. B.; SMITH, J. New frontiers in the future of aging: from successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age. *Gerontologist*, vol. 49, p. 123-135, 2003.

BARBER, S. J. et al. Thinking about a limited future enhances the positivity of younger and older adults' recall: Support for socioemotional selectivity theory. *Memory & Cognition*, v. 44, n. 6, p. 869-882, 2016.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BATISTONI, S. S. T.; NAMBA, C. S. Idade subjetiva e suas relações com o envelhecimento bem-sucedido. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, v. 15, n. 4, p. 733-742, 2010.

BAZAROVA, N. N.; CHOI, Y. H. Self-disclosure in social media: Extending the functional approach to disclosure motivations and characteristics on social network sites. *Journal of Communication*, v. 64, p. 635–657, 2014.

BENGTON, V. L., RICE, C. J. & JOHNSON, M. L. Are theories of aging important? Models and explanations in gerontology at the turn of the century. In: BENGTON, V. L.; SCHAE, K. W. (orgs). *Handbook of theories of aging*. New York: Springer; p. 3–30, 1999.

BEZ, M. R.; PASQUALOTTI, P. R.; PASSERINO, L. M. Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale. Artigo apresentado no XVII *Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE*. UNB/UCB. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.

BIRREN, J. E.; BENGTSON, V. L. *Emergent theories of aging*. Nova York: Springer, 1988.

BOHN, L.; KWONG SEE, S. T.; FUNG, H. H. Time perspective and positivity effects in Alzheimer's disease. *Psychology and Aging*, v. 31, n. 6, p. 574-582, 2016.

BROTHERS, A.; CHUI, H.; DIEHL, M. Measuring Future Time Perspective Across Adulthood: Development and Evaluation of a Brief Multidimensional Questionnaire. *The Gerontologist*, p. 1-14, 2014.

CARMONA, C. F.; COUTO, V. V. D.; SCORSOLINI-COMIN, F. A experiência de solidão e a rede de apoio social de idosas. *Psicologia em Estudo*, v. 19, n. 4, p. 681-691, 2014.

CARSTENSEN, L. L. Social and Emotional Patterns in Adulthood: Support for Socioemotional Selectivity Theory. *Psychology and Aging*, v. 7, p. 331-338, 1992.

CARSTENSEN, L. L.; LANG, F. R. *Future time perspective scale*. Unpublished manuscript, Stanford University, 1996.

CARSTENSEN, L. L.; ISAACOWITZ, D. M.; CHARLES, S. T. Taking Time Seriously: A Theory of Socioemotional Selectivity. *American Psychologist Association*, v. 54, p. 165-181, 1999.

CARSTENSEN, L. L.; FUNG, H. H.; CHARLES, S. T. Socioemotional Selectivity Theory and the Regulation of Emotion in the Second Half of Life. *Motivation and Emotion*, v. 27, p. 103-123, 2003.

CARSTENSEN, L. L. The Influence of a Sense of Time on Human Development. *Science*, v. 312, p. 1913-1915, 2006.

CARSTENSEN, L. L. et al. Emotional Experience Improves With Age: Evidence Based on Over 10 Years of Experience Sampling. *Psychology and Aging*, v. 26, n. 1, p. 21-33, 2011.

CATE, R. A.; JOHN, O. P. Testing models of the structure and development of future time perspective: Maintaining a focus on opportunities in middle age. *Psychology and Aging*, v. 22, p. 186-201, 2007.

CHANG, P. F. et al. Age Differences in Online Social Networking: Extending Socioemotional Selectivity Theory to Social Network Sites. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, v. 59, n. 2, p. 221-239, 2015.

CHARLES, S. T., & PIAZZA, J. R. Age differences in affective well-being: Context matters. *Social and Personality Psychology Compass*, 3, 711-724, 2009.

CHARLES, S. T. Strength and vulnerability integration: A model of emotional well-being across adulthood. *Psychological Bulletin*, 136, 1068–1091, 2010.

CHARLES, S. T.; HONG, J. Second Generation Socioemotional Selectivity Theories. In: PACHANA, N. A. (ed). *Encyclopedia of Geropsychology*. Singapore: Springer, 2016.

CHEPE, L. M.; ADAMATTI, D. F. Estudo Sobre Interação de Idosos em Redes Sociais Digitais. *Informática na Educação: teoria & prática*. Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 177-198, 2015.

CHIARELLI, T. M.; BATISTONI, S. S. T.; BORGES, G. C. Indicadores Psicométricos da Escala de Perspectiva de Tempo Futuro Aplicada a Idosos Usuários do Facebook. *Estudos de Psicologia Campinas*. No prelo.

CHUNG, S.; LEE, E. Patterns of time use across the life span in korea: A latent class analysis and age and gender differences. *Social Indicators Research*, 2016.

CORNWELL, B.; MARCUM, C.; SILVERSTEIN, M. The social network approach in gerontological research. *Journals of Gerontology - Series B Psychological Sciences and Social Sciences*, v. 70, n. 1, p. 87-90, 2015.

COTTLE, T. J. *Perceiving time: A psychological investigation with men and women*. New York: Wiley, 1976.

CUMMING, E.; HENRY, W. E. *Growing Old: the process of disengagement*. Nova York: Basic Books, 1961.

DAGIOS, P.; VASCONCELLOS, C.; EVANGELISTA, D. H. R. Avaliação da qualidade de vida: comparação entre idosos não institucionalizados participantes de um centro de convivência e idosos institucionalizados em JI – Paraná/ RO. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v. 20, n. 2, p. 469-484, 2015.

DIENER, E. et al. The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, v.49, n. 1, p. 71-75, 1985.

D'ORSI, E.; XAVIER, A. J.; RAMOS, L; R. Trabalho, suporte social e lazer protegem idosos da perda funcional: estudo epidioso. *Revista de Saúde Pública*, v. 45, n. 4, 2011.

ELSI BRASIL. *Estudo Longitudinal de Saúde e Bem-Estar dos Idosos Brasileiros*. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2015. Acessado em: <http://elsi.cpqrr.fiocruz.br/a-pesquisa/o-que-e-o-elsi-brasil/>

EMMEL, M. L. G.; PAGANELLI, L. O.; VALIO, G. T. Uso do tempo de um grupo de idosos do município de São Carlos (SP). *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 2, p. 421-442, 2015.

ENGLISH T.; CARSTENSEN, L. L. Selective narrowing of social networks across adulthood is associated with improved emotional experience in daily life. *International Journal of Behavioral Development*, v. 38, p. 195–202, 2014.

ENGLISH T.; CARSTENSEN, L. L. Socioemotional Selectivity Theory. In: PACHANA, N. A. (ed). *Encyclopedia of Geropsychology*. Singapore: Springer, 2016.

FACEBOOK. *Estatísticas*, 2011. Disponível em: <https://www.facebook.com/press/info.php?statistics>

FACEBOOK. *Facebook para empresas*, 2015. Disponível em: <<https://www.Facebook.com/business/>> Acesso em Julho de 2015.

FAERMAN, J. *Faceboom – Facebook, o novo fenómeno de massas*. Lisboa: Quidnovi, 2011.

FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F. *Psicologia do Envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados*. Campinas: Alínea, 2009.

FALCÃO, D. V.; FLAUZINO, K. L.; FRATEZI, F. R. Rede de Suporte Social e Doença de Alzheimer. In: FALCÃO, D. V., & ARAÚJO, L. F. *Psicologia do Envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados*. 2 ed. Campinas: Editora Alínea, 2011.

FÁVERO, L. P. ET al. *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FISHER, C. S., & BERESFORD, L. Changes in Support Networks in Late Middle Age: The Extension of Gender and Educational Differences. *Journals of Gerontology*, v. 70, n. 1, p. 123–131, 2015.

FRANCO, I. C.M. Redes sociais e a EAD. In: FREDRIC, M. L.; FORMIGA, M. M. M. *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, v. 2, 2012.

FREUND A. M.; BALTES P. B. Life-management strategies of selection, optimization and compensation: measurement by self-report and construct validity. *J Pers Soc Psychol*, v. 82, n. 4, p. 642-662, 2002.

FRY, P. S.; DEBATS, D. L. Cognitive Beliefs and Future Time Perspectives: Predictors of Mortality and Longevity. *Journal of Aging Research*, 2011.

FUNG, H. H.; CARSTENSEN, L. L. Goals change when life's fragility is primed: Lessons learned from older adults, the September 11th attacks and SARS. *Social Cognition*, v. 24, p. 248–278, 2006.

FUNG, H. H.; ISAACOWITZ, D. M. The role of time and time perspective in age-related processes: Introduction to the special issue. *Psychology and Aging*, v. 31, n. 6, p. 553-557, 2016.

GELLERT, P. et al. Future time perspective and health behaviors: Temporal framing of self-regulatory processes in physical exercise and dietary behaviors. *Annals of*

Behavioral Medicine: A Publication of the Society of Behavioral Medicine, v. 43, p. 208–218, 2012.

GRÜHN, D.; SHARIFIAN, N.; CHU, Q. The limits of a limited future time perspective in explaining age differences in emotional functioning. *Psychology and Aging*, v. 31, n. 6, p. 583-593, 2016.

GÜNTHER, I. A. Envelhecimento, Relações Sociais e Ambiente. In: FALCÃO, D. V.; ARAÚJO, L. F. *Psicologia do Envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados*. 2 ed. Campinas: Editora Alínea, 2011.

HARIS, N. et al. The Role Of Social Media in Supporting Elderly Quality Daily Life. *3rd International Conference on User Science and Engineering*, p. 253-257, 2014.

HATCHER, L. *A Step-by-Step Approach to Using the SAS System for Factor Analysis and Structural Equation Modeling*. Cary, NC: SAS Institute Inc., 588, 1994.

HAVIGHURST, R. J. Successful Aging. *The Gerontologist*, v. 1, n. 1, p. 8-13, 1961.

HAVIGHURST, R. J. Personality and Patterns of Aging. *The Gerontology*, v. 8, p. 20-23, 1968.

JANTSCH, A. et al. As Redes Sociais e a Qualidade de Vida: os Idosos na Era Digital. *IEEE-RITA*, v. 7, n.4, p. 173-179, 2012.

JONES, J. M. Cultural and individual differences in temporal orientation. In: MCGRATH, J. (Org.), *Research toward a social psychology of time*. Beverly Hills: Sage Publications, p. 21-38, 1988.

KACHAR, V. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 13, n. 2, p. 131-147, 2010.

KAHN, R. L.; ANTONUCCI, T. C. Convoys over the life course. In: BALTES, P. B.; BRIM, O. G. *Life-span Development and Behavior*. Nova York: Academic Press, p. 254-286, 1980.

KHVOROSTIANOV, N. “Thanks to the Internet, we remain a family”: ICT domestication by elderly immigrants and their families in Israel. *Journal of Family Communication*, v. 16, n. 4, p. 355-368, 2016.

KIM, N.; KANG, S. W. Older and more engaged: The mediating role of age-linked resources on work engagement. *Human Resource Management*, 2016.

KNIGHT, M., et al. Aging and goal-directed emotional attention: Distraction reverses emotional biases, *Emotion*, v. 7, p. 705-714, 2007.

KIRKPATRICK, D. *O efeito Facebook. Os bastidores da história da empresa que conecta o mundo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOZIK, P.; HOPPMANN, C. A.; GERSTORF, D. Future time perspective: opportunities and limitations are differentially associated with subjective well-being and hair cortisol concentration. *Gerontology*, v. 61, n. 2, p. 166-174, 2015.

LANG, F. R.; CARSTENSEN, L. L. Time counts: Future time perspective, goals, and social relationships. *Psychology and Aging*, v. 17, p. 125-139, 2002.

LEWIS, S. Seniors and online social network use. *Journal of Information Systems Applied Research*, v. 4, n. 2, p. 1-15, 2011.

LIMA-COSTA, M. F. *Manual de entrevista Estudo Longitudinal da Saúde e Bem-estar dos Idosos (ELSI-Brasil)*. Estudo Longitudinal da Saúde e Bem-estar dos Idosos (ELSI-Brasil). Fundação Oswaldo Cruz (FIO-Cruz). p. 139, 2015.

LOCATELLI, A. C. D.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. A Motivação de Adolescentes em Relação com a Perspectiva de Tempo Futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 2, p. 268-276, 2007.

LOYOLA FILHO, A. I. et al. Fatores associados à autoavaliação negativa da saúde entre idosos hipertensos e/ou diabéticos: resultados do projeto Bambuí. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 16, n. 3, p. 559-571, 2013.

MANSSON, D. H. The joy of grandparenting: A qualitative analysis of grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*, v. 14, n. 2, p. 135-145, 2016.

MATHER, M. et al. Amygdala responses to emotionally valenced stimuli in older and younger adults. *Psychological Science*, vol. 15, p. 259–263, 2004.

MATHER, M., & KNIGHT, M. Goal-directed memory: The role of cognitive control in older adults' emotional memory. *Psychology and Aging*, v. 20, p. 554–570, 2005.

MEDEIROS, F. L. et al. Inclusão Digital e Capacidade Funcional de Idosos Residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 15, n. 1, 106-22, 2012.

MESSIAS, A. R. O idoso no Facebook sociabilidade e encontro geracional. In: C. PORTO; E. SANTOS (Orgs.). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, p. 237-251, 2014.

MONTEPARE, J. M. Subjective age: Toward a guiding lifespan framework. *International Journal of Behavioral Development*, v. 33, p. 42– 46, 2009.

MORELOCK, J. C.; STOKES, J. E.; MOORMAN, S. M. Rewriting age to overcome misaligned age and gender norms in later life. *Journal of Aging Studies*, v. 40, p.16–22, 2017.

MYHRE, J. W. *Effects of online social networking on the cognitive, social, and emotional health of older adults*. Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 2013.

- NERI, A. L. *Psicologia do Envelhecimento: temas selecionados na perspectiva de curso de vida*. São Paulo: Papirus, 1995.
- NERI, A. L. Análise de conteúdo de amostra de dissertações e teses em psicologia e ciências sociais produzidas no Brasil no período 1975-1996. *Texto e Contexto – Enfermagem*, v. 2, n. 6, p. 69-105, 1997.
- NERI, A. L. *Palavras-chave em Gerontologia*. 2 ed. Campinas: Alínea, 2005.
- NERI, A. P. C. *Os idosos como público estratégico: novas possibilidades de comunicação para as Relações Públicas nas redes sociais digitais*. Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2014.
- NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Editora Alínea, 2014.
- NETO, F. Satisfação com a vida e características de personalidade. *Psychologica*, v. 22, p. 55-70, 1990.
- NETO, F. Satisfaction with life scale: Psychometric properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 22, n. 2, p. 125-134, 1993.
- NEUGARTEN, B. L. *The awareness of middle age*. In: NEUGARTEN, B. L (Org.), *Middle age and aging*. Chicago: University of Chicago Press, p. 93-98, 1968.
- NG, T. W. H.; FELDMAN, D. C. The relationships of age with job attitudes: A meta-analysis. *Personnel Psychology*, vol. 63, 2010.
- NOGUEIRA, E. J. *Rede de relações sociais: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários*. 2001. 141 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- NOTTHOFF, N.; CARSTENSEN, L. L. Positive messaging promotes walking in older adults. *Psychology and Aging*, vol. 29, p. 329–341, 2014.
- NOTTHOFF, N. et al. Positive messages enhance older adults' motivation and recognition memory for physical activity programmes. *European Journal of Ageing*, v. 13, n. 3, p. 251-257, 2016.
- OLIVEIRA, F. S. *Aprendizagem por idosos na utilização da Internet*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2006.
- OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde – Resumo*, 28, 2015.
- PÁSCOA, G. M. G. *O contributo da web social – rede social Facebook – para a promoção do envelhecimento ativo: estudo de caso realizado na USALBI*. 2012. 262 f.

Dissertação (Mestrado em Política Social) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, 2012.

PÁSCOA, G.M.G.; GIL, H.M.P.T. Uma nova forma de comunicação para o cidadão Sénior: Facebook. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 18, n. 1, p.09-29, 2015.

PATRÍCIO, M. R.; OSÓRIO, A. Adultos idosos e redes sociais: que motivação? Que aprendizagem? Paper presented in the *Challenges 2013: Aprender a qualquer hora e em qualquer lugar, learning anytime and anywhere - VIII Conferência Internacional de TIC na Educação*, Braga, 2013.

PENNINGROTH, S. L.; SCOTT, W. D. Age-Related Differences in Goals: Testing Predictions from Selection, Optimization, and Compensation Theory and Socioemotional Selectivity Theory. *The International Journal of Aging e Human Development*, v. 74, n. 2, p. 87-111, 2012.

PINTO, J. M., & NERI, A. L. Doenças crônicas, capacidade funcional, envolvimento social e satisfação em idosos comunitários: Estudo Fibra. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 18, n. 12, p. 3449-3460, 2013.

PRIMO, A. *Interações em rede*. Porto Alegre: Meridional, 2013.

RAMOS, M. Os sintomas depressivos e as relações sociais na terceira idade. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, v. 19, n. 2, p. 397-410, 2007.

REBELO, C. Utilização da Internet e do Facebook pelos mais velhos em Portugal: estudo exploratório. *Observatorio (OBS*) Journal*, v. 9, n. 3, p. 129-153, 2015.

RUSSEL, D.; PEPLAU, L. A.; FERGUSON, M. L. Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment*, v. 42, p. 290-294, 1978.

RUSSEL, D.; PEPLAU, L. A.; CUTRONA, C. E. The Revised UCLA Loneliness Scale: concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 19, p. 472-480, 1980.

SAVA, A.-A. et al. Memory for faces with emotional expressions in Alzheimer's disease and healthy older participants: Positivity effect is not only due to familiarity. *Aging, Neuropsychology, and Cognition*, v. 24, n. 1, p. 1-28, 2017.

SEGERSTROM, S. C. et al. Time perspective and social preference in older and younger adults: Effects of self-regulatory fatigue. *Psychology and Aging*, v. 31, n. 6, p. 594-604, 2016.

S.; CARSTENSEN, L. L. Emotional aging: Recent findings and future trends. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, vol. 65, p. 135-144. 2010.

SCHMITT, R. E. Teoria da Perspectiva de Tempo Futuro: aplicações preliminares e reflexões voltadas à pesquisa no ensino superior. *Revista Educação por Escrito - PUCRS*, v. 1, n. 1, p. 5-16, 2010.

SCHOLZ, S. et al. *Influence of Future Time Perspective on Involvement: an Approach With Two Studies*. In: Gürhan-Canli, Z.; Otnes, C.; Zhu, R. (Orgs.), N. A. - *Advances in Consumer Research*. Duluth: Association for Consumer Research, p. 646-648, 2012.

SINCLAIR, T. J.; GRIEVE, R. Facebook as a source of social connectedness in older adults. *Computers in Human Behavior*, v. 66, p. 363-369, 2017.

SOBRINHO, M. E. *Amizades virtuais: um estudo com um grupo de usuários adultos do Facebook em Curitiba*. 2013. Dissertação em Mestrado não publicada, curso de Psicologia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2013.

SOUTHWELL, B. G. *Social networks and popular understanding of science and health: Sharing disparities*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 2013.

STAHL, S. T.; PATRICK, J. H. Adults' future time perspective predicts engagement in physical activity. *The Journals of Gerontology. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences*, v. 67, p. 413-416, 2012.

STROUGH, J. et al. Hour glass half full or half empty? Future time perspective and preoccupation with negative events across the life span. *Psychology and Aging*, v. 31, n. 6, p. 558-573, 2016.

TAVARES FILHO, T. E. *Padrões de Valores e Expectativas de Futuro dos Menores Marginalizados em Manaus*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

UMEMURO, H. Computer attitudes, cognitive abilities, and technology usage among older Japanese adults. *Jornal Gerontech*, v. 3, n. 2, 2004.

WASSERMAN, C. et al. Redes Sociais: um novo mundo para os idosos. *RENOTE: novas tecnologias na educação*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2012.

WEISS, R. S. The fund of sociability. *Society*, v. 6, p. 36-43, 1969.

WILLIAMS, R. S. et al. Age differences in gain- and loss-motivated attention. *Brain and Cognition*, v. 111, p. 171-181, 2017.

ZIMBARDO, P. G.; BOYD, J. N. Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 77, p. 1271-1288, 1999.